



ESHOJE[®]



Fundado em 19 de julho de 2000
por Carlos Roberto Coutinho

Vitória, 17 de setembro de 2026 » Ano XXV » Nº 1386
Edição Gratuita Diário » www.eshoje.com.br

 /eshoje  @eshoje  eshoje  eshoje

ARQUIVO PESSOAL

ARTIGO

Conexão vale mais que ostentação no concorrido mercado de eventos » 2



CULTURA

Entre tecidos e memória, artista transforma material descartado em arte » 4



DANIELA PAULIELO

Da urna para a vida: quando a política passa dos limites

Quarta matéria da série Setembro Amarelo mostra como a pressão política pode afetar eleitores e candidatos e quais sinais indicam a hora de colocar limites » **3**

ILUSTRAÇÃO/ESHOJE



RODRIGO DO CARMO

No mercado de eventos, o que sobressai é conexão

Durante muito tempo, o mercado de eventos foi pautado por uma lógica simples: impressionar. Quanto maior for a estrutura, mais sofisticada a decoração e mais caro o buffet, maior parecia ser o sucesso de uma celebração. Essa realidade, porém, mudou. Hoje, o maior valor de um evento não está apenas no que se vê, mas no que se sente.

A chamada economia da experiência transformou profundamente o setor de eventos no Brasil. Em um tempo em que produtos e serviços se tornaram cada vez mais semelhantes, a diferença passou a estar na capacidade de criar conexões genuínas. As pessoas já não investem apenas em uma festa, mas em momentos que façam sentido, que despertem emoções e que permaneçam vivos na memória.

Essa mudança também alterou o comportamento dos profissionais. Não basta dominar a técnica ou entregar uma execução impecável. É preciso

compreender histórias, identificar expectativas e construir experiências personalizadas. O sucesso de um evento deixou de ser medido apenas pela grandiosidade da produção e passou a ser percebido pelas emoções que desperta em quem participa.

Esse movimento fortaleceu um mercado mais humano. Celebrantes, cerimonialistas, fotógrafos, músicos, decoradores e tantos outros profissionais passaram a ocupar um papel estratégico: transformar desejos em experiências memoráveis. Cada detalhe ganhou significado, porque dei-

xou de ser apenas um item da organização para se tornar parte da narrativa vivida pelos convidados.

Ao mesmo tempo, essa transformação elevou o nível de exigência do público. As pessoas valorizam autenticidade. Percebem quando um evento foi construído com intenção e quando apenas reproduz fórmulas prontas. A personalização deixou de ser um diferencial e passou a representar uma expectativa natural.

A economia da experiência não tornou os eventos mais caros. Tornou-os mais conscientes. O investimento deixou de

estar concentrado apenas na aparência e passou a priorizar aquilo que realmente permanece após o encerramento da celebração: as lembranças, os sentimentos e as histórias que continuarão sendo contadas por muitos anos.

Toda essa transformação também trouxe uma importante lição aos profissionais do setor: quem deseja criar experiências memoráveis precisa aprender a ouvir antes de executar. A escuta atenta deixou de ser uma habilidade desejável para se tornar uma competência essencial. Não existe intenção sem compre-

ensão. Somente quando conhecemos a história, os valores e as expectativas de cada cliente conseguimos criar algo que faça sentido para ele. No fim, personalizar não é fazer diferente por fazer. É fazer aquilo que verdadeiramente representa quem será protagonista daquela experiência.

No fim das contas, o maior patrimônio de um evento nunca foi sua estrutura. Sempre foi a capacidade de marcar pessoas. E, em um mercado cada vez mais competitivo, serão os profissionais capazes de transformar emoção em valor que continuarão fazendo a diferença.

PUBLICAÇÃO LEGAL

EDITAIS • COMUNICADOS • BALANÇOS • CONVENÇÕES • PRESTAÇÕES DE CONTAS

bianca@eshoje.com.br

D4Sign

BDC COMUNICACOES LTDA

23895081000130

Aplicado

h) ESHOJE QUINTA-FEIRA, 17 DE SETEMBRO DE 2026 » WWW.ESHOJE.COM.BR » BIANCA@ESHOJE.COM.BR » ANUNCIE: (27) 2180-0678 PAG.1

COPYVIX IMÓVEIS S/A

CNPJ nº 13.854.973/0001-30

EDITAL DE CONVOCAÇÃO DE ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

Ficam convocados os senhores acionistas da COPYVIX IMÓVEIS S/A ("Companhia") para se reunirem em Assembleia Geral Extraordinária a ser realizada no dia 23/09/2026, às 9h, na sede social da Companhia, situada na Rua Fortunato Ramos, 30, sala 116, Ed Cima Center, Santa Lúcia, Vitória, ES, CEP 29.056-020, a fim de deliberarem sobre a seguinte ordem do dia: ORDEM DO DIA: 1. Deliberar sobre a alienação (venda) do imóvel de propriedade da Companhia, situado na Avenida Carlos Lindemberg, s/nº, Bairro Ataíde, Vila Velha/ES, CEP 29.119-015, objeto da matrícula nº 78.854 do 1º Ofício de Registro Geral de Imóveis, Protesto de Títulos, Registro de Títulos e Documentos e Civil das Pessoas Jurídicas da 1ª Zona da Comarca de Vila Velha/ES; 2. Autorizar a Diretoria a praticar todos os atos necessários à formalização da venda, inclusive assinatura de escritura e demais documentos; 3. Outros assuntos de interesse da Companhia. INSTRUÇÕES GERAIS: Os acionistas poderão ser representados por procurador constituído há menos de 1 (um) ano, nos termos da legislação aplicável.

Vitória, 17/09/2026

MILCA LIMA CAMEZ DE OLIVEIRA
Diretora Presidente

Somos diário.
Seja no impresso ou
no digital

Aqui você realiza, no melhor preço de mercado, a sua publicação legal.

h) ESHOJE

Seja no impresso ou no digital,
Publicação Legal é aqui.

Contato Comercial
Bianca Coutinho

bianca@eshoje.com.br
27 2180-0678 / 27 99744-6251

h) ESHOJE

D4Sign 97eff602-4195-4d6f-aa01-8da51841a351 - Para confirmar as assinaturas acesse <https://secure.d4sign.com.br/verificar>
Documento assinado eletronicamente, conforme MP 2.200-2/01, Art. 10º, §2. Brasil

h) ESHOJE
ANJ ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS

A opinião dos colunistas não reflete o posicionamento do veículo.

TIRAGEM: Publicação digital e impressa
CIRCULAÇÃO: Grande Vitória e digital
PERIODICIDADE: Diários

Rua Carlos Lindemberg, 40.
Ed San Gennaro, sala 201. Jardim Camburi. Vitória ES. Cep 29092-110
Tel. 27 2180-0678
www.eshoje.com.br
redacao@eshoje.com.br

DIRETOR GERAL
Carlos Roberto Coutinho
carlos@eshoje.com.br

DIRETORA ADMINISTRATIVA
Bianca Coutinho
bianca@eshoje.com.br

DIRETORA DE REDAÇÃO
Daniele Coutinho - MTB/ES 2694-JP
danielcouthinho@eshoje.com.br

PROJETO GRÁFICO
Renon Pena de Sá
www.ellaform.com.br

FOTOGRAFIAS
Arquivo
redacao@eshoje.com.br

DIAGRAMAÇÃO
Jeferson Louis - MTB/ES 3605/ES

REDAÇÃO
Carolina Bouri
Eduardo Alencar
Esthefany Mesquita
Giulia Reis
Karla Silveira
Mariana Cicilotti
PH Caetano
Pedro Rocha

SIGA NOSSAS REDES SOCIAIS:

 /eshoje
 @eshoje
 eshoje
 eshoje

Quando a eleição entra na cabeça e nas relações

Entre eleitores, militantes e candidatos, campanha pode significar conflitos e perda de sono

REDAÇÃO MULTIMÍDIA
jornalismo@eshoje.com.br

O comerciante Geovani Costa sabe que política pode chegar à mesa de casa. Conta que já brigou com “meio mundo” e viu relações familiares estremitadas por divergências.

O grupo da família virou campo de batalha. Discussões avançaram para ataques pessoais e Geovani decidiu bloquear tios e primos. “Tenho um posicionamento firme, mas, se começar a me perturbar, deixo de falar, rompo mesmo”, diz.

Em períodos eleitorais, notícias, vídeos, mensagens e discussões nas redes se sucedem durante semanas. Os efeitos podem aparecer no sono, humor, concentração e relações pessoais.

CÉREBRO EM ALERTA

A neuropsicóloga Juliana Russano explica que o cérebro é preparado para identificar ameaças. Em ambientes de conflito e exposição contínua, esse mecanismo de vigilância pode permanecer ativado, aumentando a liberação de hormônios relacionados ao estresse.

Ansiedade, irritabilidade, tensão, dificuldade de concentração e alterações no sono estão entre as possíveis consequências. O risco aumenta quando não há intervalos: a pessoa acorda lendo notícias, recebe mensagens durante o dia e

DIVULGAÇÃO



“Nosso sistema atencional possui limites, mas não significa deixar convicções”

Juliana Russano, neuropsicóloga



ILUSTRAÇÃO/ESHOJE

Divergências causadas pela política podem criar conflitos entre parentes e amigos próximos

acompanha conteúdos políticos antes de dormir.

Estar informado não é o mesmo que viver permanentemente em alerta. Quem busca fontes confiáveis e consegue voltar às demais atividades mantém uma relação diferente de quem sente necessidade de acompanhar e reagir a tudo.

“O nosso sistema atencional possui limites”, explica Juliana.

Ela recomenda selecionar horários e fontes e reduzir conteúdos repetitivos ou feitos para provocar reação emocional.

Posições políticas podem estar associadas a valores e à forma como cada pessoa enxerga justiça, segurança, liberdade, educação e família. Por isso, uma divergência pode ser interpretada como ameaça à própria identidade e deixar de

atingir uma ideia para atingir quem pensa diferente.

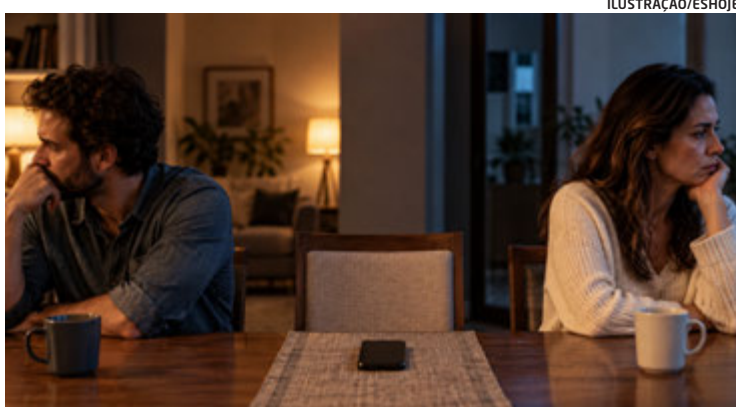
Estabelecer limites não significa abandonar convicções. “Concordar e aceitar são conceitos distintos”, afirma Juliana. Silenciar grupos, desativar notificações e evitar algumas discussões podem ajudar. “Não responder é também uma forma legítima de autorregulação”, diz.

O limite que aparece na rotina

SEGUNDO JULIANA, não é o número de horas dedicado à eleição que determina o excesso, mas o prejuízo nas outras áreas da vida.

Verificar notícias repetidamente, atualizar redes sem parar, levar política para quase todas as conversas e permanecer pensando nos conflitos são sinais de atenção. Ansiedade, tensão, dificuldade de concentração, alterações no sono e conflitos frequentes também merecem cuidado.

A recomendação não é abandonar a política, mas preservar espaços fora dela. Atividade física, lazer, família, amigos, hobbies e períodos sem telas ajudam a manter outras dimensões da vida.



ILUSTRAÇÃO/ESHOJE

Manter a constância nas atualizações das redes pode ser gatilho

Participar de debates, acompanhar propostas e escolher um candidato fazem parte do exercício democrático. O problema começa quando nada

mais consegue competir pela atenção.

Uma eleição termina. As relações, a saúde, o sono e a vida cotidiana precisam continuar.

Palavras de quem vive a eleição pelo lado de dentro

PARA QUEM trabalha em campanha, desligar pode ser ainda mais difícil. A servidora pública Brunella Freitas Pinto atua nas ruas e já presenciou agressividade e radicalização. A estratégia da equipe é relevar, agradecer e seguir.

Entre os candidatos, campanha e vida pessoal podem se misturar. A vereadora Patrícia Crizanto (União), candidata a deputada estadual, vive uma disputa atravessada pelo luto. Nas ruas, é reconhecida como mãe de Pedro Henrique Crizanto da Vitória, assassinado aos 20 anos, em Vitória, em 2023.

“Eu ainda sofro pela morte do meu filho e não quero ser lembrada só por isso”, afirma.

Patrícia também relata violência política de gênero e cobranças da maternidade. Durante a campanha, deixa o filho pequeno com os avós e há noites em que não consegue dormir por continuar pensando nas tarefas.

“Sou mãe, filha, esposa, política e são jornadas extenuantes porque nós mulheres naturalmente cuidamos, mas quem cuida da gente?”, questiona.

O vereador Anderson Goggi (Republicanos), presidente da Câmara de Vitória e candidato a deputado estadual, conta que enfrentou depressão em 2016, faz tratamento para ansiedade e dorme, em média, três horas por noite.

Durante os 60 dias de campanha, sua presença em casa é menor. O filho, de sete anos, sente a ausência e os dois chegam a passar dias sem se encontrar, mesmo morando juntos. “Quando a campanha acabar, vou grudar nele que ele vai enjoar do pai”, diz.

Outros candidatos também buscam preservar o equilíbrio. João Coser (PT) recorre à família, igreja e atividade física; Pastor Fabiano (PL), à fé; e Leonardo Monjardim (Novo) diz separar vida pessoal e política para não se deixar consumir pelas críticas.

“Se começar a me perturbar, deixo de falar, rompo mesmo. Tenho posicionamento”

Geovani Costa, comerciante

Cristina Rovesse recria descarte em exposição

Artista têxtil mineira expõe no Salão Revoada, em Santa Teresa, com foco na sustentabilidade

REDAÇÃO MULTIMÍDIA
jornalismo@eshoje.com.br

A prática da costura ultrapassa a função utilitária no trabalho de Cristina Rovesse para se consolidar como linguagem artística e meio de ressignificação do descartável. A artista visual mineira é graduada pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e utiliza o repertório têxtil em diversas mídias, como pintura, escultura, instalação, fotografia e performance.

Em suas criações, tecidos e vestuários de segunda mão são desmontados e reconfigurados. Marcas do tempo, marcas de uso, rasgos e costuras aparentes deixam de ser imperfeições para se transformarem em vestígios de histórias, apontando caminhos poéticos para materiais que perderam a função original.

Com trajetória marcada por exposições relevantes no Rio de Janeiro, São Paulo e no Instituto Inhotim, ela desembarca no Espírito Santo para integrar o I Salão de Artes Integradas de Santa Teresa — Revoada. Com o tema “A Crise Climática na Perspectiva da Arte”, a mostra nacional busca estimular debates urgentes em torno do consumo consciente, da sustentabilidade, da biodiversidade e da regeneração ambiental.

A exposição será realizada de 3 a 30 de novembro na Galeria de

DANIELA PAULIELLO



“A costura não é apenas uma linguagem; é uma forma de olhar, interpretar e me posicionar”



CRISTINA ROVESSE

Plastia Anatômica, uma das obras de Cristina Rovesse, está em exposição em Santa Teresa

Artes de Santa Teresa (GAST). Já as esculturas voltadas para ambientes abertos ocuparão o Museu de Biologia Mello Leitão. Na entrevista a seguir, Cristina Rovesse fala sobre o processo de criação, o reuso de materiais e os desafios da arte contemporânea diante da crise ambiental.

ES Hoje: Como a costura se tornou uma linguagem em sua produção artística?

Cristina Rovesse: Acredito que, antes de me perceber como uma artista, me percebi como uma costureira. O convívio com o têxtil era comum em casa; aprendi a usar linha e agulha observando minhas avós consertarem as roupas da família. Aos 14 anos, fui incentivada pelos meus pais a me dedicar às técnicas de costura e ganhei minha primeira máquina, uma Singer doméstica portátil, que me acompanha até hoje. Em seguida, passei a frequentar um curso gratuito de corte e costura oferecido por um clube de mãos em Brumadinho, convivendo com mãos, bebês e idosas pelo genuíno interesse pela manualidade. Toda a minha experiência com a costura influenciou diretamente na minha formação em Artes Visuais.

E a pesquisa por tecidos?

Mesmo escolhendo a pintura como habilitação, os tecidos se tornaram recorrentes em minha

pesquisa artística, tanto quanto uma metáfora quanto matéria poética e pictórica. Com o tempo e a prática de ateliê, entendi que a costura não é apenas uma linguagem para mim, mas também uma forma de olhar, interpretar e me posicionar no mundo. Uma costureira lida com fragmentação, separação, corte, delimitação, tensão, sobreposição, junção, dobra e caimento. Modelar nos-

sos corpos e objetos para mostrá-los ao outro, cobertos por matéria de expressão plástica, pictórica e sociológica. É um meio para compor e expor nós mesmos.

O que os materiais descartados revelam em suas obras?

Os materiais descartados e/ou de segunda mão têm algo de especial que me interessa muito: eles carregam memórias consigo. Uma grande referência para mi-



DANIELA PAOLIELLO

Rocália e Como Pintar também estarão no I Salão de Artes Integradas de Santa Teresa — Revoada

na produção artística é o livro de Peter Stallybrass: O casaco de Marx: roupas, memória, dor (2008). Nesta obra, o autor demonstra como as roupas sobrevivem à brevidade de nossos corpos e se tornam depósitos de memórias corporais e afetivas depois que partimos. Em vários trabalhos, eu me proponho a decompor algo que já existe e recompô-lo de uma outra maneira, como no trabalho Policromasia (2026), que apresento na REVOADA. Acredito que, a partir das reconfigurações desses descartes, é possível revelar as memórias materiais presentes nos vestígios das coisas.

Qual trabalho você apresenta na REVOADA?

Na REVOADA, apresento Policromasia (2026), pertencente à série de trabalhos Estudos de Anatomia. O título se apropria de um termo da medicina, assim como os outros trabalhos da mesma série, e também se baseia na metodologia anômica de cortar em partes um corpo para compreendê-lo como um todo. Iniciei essa série em 2024 nos ateliês de Pintura da Escola de Belas Artes, quando notei como era comum os alunos abandonarem, esquecerem ou descartarem as pinturas que eles produziram e não gostaram durante a graduação. Coletei diversos quadros rejeitados por seus autores e experimentei rasgar as telas pintadas como um tecido. O rompimento da trama revela as cores e características pictóricas anteriores junto do material têxtil. Me interessei nestas “pinturas laterais” e as agrupei em bobinas de pinturas rasgadas comprimidas em suas próprias estruturas de madeira.

Como ele aborda a crise climática?

Em um contexto econômico e social em que somos incentivados a produzir massivamente, olhar e ressignificar aquilo que é rejeitado, descartado e desvalorizado é também apontar possibilidades sensíveis e sustentáveis para encarar e lidar com a crise climática.

O que representa participar da primeira edição da REVOADA em Santa Teresa?

Para mim representa um marco de celebração, conexão e coletividade. Me alegra imensamente participar do capítulo inaugural desse projeto junto com artistas tão diversos e talentosos, ainda mais abordando um tema tão relevante e urgente quanto a crise climática. Com certeza é um marco na minha carreira, poder conhecer de perto a cena artística local e expandir meus horizontes, alçando um voo coletivo em revoada.